



SEÇÃO: DISCURSOS DISCRIMINATÓRIOS COMO FRATURA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Masculinidades rentáveis na ficção brasileira de temática homoerótica

Profitable masculinities in Brazilian homoerotic fiction

Masculinidades rentables en la ficción homoerótica brasileña

Dorinaldo dos Santos

Nascimento¹

orcid.org/0000-0002-3520-2679

dori.s.n@hotmail.com

Recebido em: 18 jul. 2022.

Aprovado em: 31 out. 2022.

Publicado em: 07 dez. 2022.

Resumo: No âmbito da ficção brasileira de temática homoerótica, é recorrente encontramos personagens masculinos que alugam seus corpos (ou partes dele) adotando, estrategicamente, corporeidades, gestualidades e discursividades prototípicas da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1997). Nessa ficção, também emergem, refletindo o peso sociocultural da heteronormatividade, personagens homossexuais pagantes pelo sexo que buscam como fantasia sexual um corpo-prostituto² moldado por uma masculinidade rústica, agressiva e "suja". Desse modo, o propósito, neste trabalho, é realizar uma leitura crítica envolvendo um conjunto de narrativas ficcionais (contos e romances) – presente na literatura brasileira de temática homoerótica –, problematizando-se nelas a monetização da masculinidade hegemônica pelos sujeitos que se prostituem. Para tanto, o aporte teórico-crítico buscou uma interlocução entre crítica literária e eixos de discussão fundamentados em pesquisas e estudos etnográficos (Antropologia, Sociologia e Psicologia Social) que abarcam aspectos acerca da prostituição masculina vinculados ao *ethos* da homossexualidade.

Palavras-chave: masculinidades; corpo-prostituto; homoerotismo; ficção brasileira.

Abstract: Within the scope of Brazilian homoerotic fiction, it is recurrent to find male characters who rent their bodies (or parts of them) strategically adopting prototypical corporeities, gestures and discourses of hegemonic masculinity (CONNELL, 1997). In this fiction, also emerge, reflecting the sociocultural weight of heteronormativity, homosexual characters who pay for sex who seek as a sexual fantasy a male prostitute body shaped by a rustic, aggressive and "dirty" masculinity. Thus, the purpose of this paper is to carry out a critical reading involving a set of fictional narratives (short stories and novels) – present in Brazilian homoerotic literature –, questioning in them the monetization of hegemonic masculinity by subjects who prostitute themselves. To this end, the theoretical-critical contribution sought a dialogue between literary criticism and axes of discussion based on research and ethnographic studies (anthropology, sociology and social psychology) that encompasses aspects about the male prostitute body linked to the ethos of homosexuality.

Keywords: masculinities; male prostitute body; Homoeroticism; Brazilian fiction.

Resumen: En el ámbito de la ficción homoerótica brasileña, es recurrente encontrar personajes masculinos que alquilan sus cuerpos (o partes de ellos) adoptando estratégicamente corporeidades, gestos y discursos prototípicos de la masculinidad hegemónica (CONNELL, 1997). En esta ficción también emergen, reflejando el peso sociocultural de la heteronormatividad, personajes homo-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Centro Educacional Edval Calasans (CEEC), Banaê, BA, Brasil.

² O termo corpo-prostituto, proposto em estudos anteriores (NASCIMENTO, 2021) e aplicado neste trabalho, foi desenvolvido para funcionar como um conceito operacional em análises literárias que estabelecem diálogo com as Ciências Sociais interessadas em investigar o fenômeno da prostituição masculina. Esse conceito tem o objetivo de contemplar a multiplicidade de práticas e de sujeitos que monetizam corpos, de modo que o corpo-prostituto possa abarcar um espectro plural de indivíduos, tais como: bagaxa, garoto de programa, boy de programa, michê, prostituto, gigolô, acompanhante e *toy boy*, representados em textos ficcionais.

sexuales que pagan por el sexo que buscan como fantasía sexual un cuerpo-prostituto moldeado por una masculinidad rústica, agresiva y "sucía". Así, el objetivo de este trabajo es realizar una lectura crítica que involucre un conjunto de narrativas ficcionales (cuentos y novelas) – presentes en la literatura homoerótica brasileña –, cuestionando en ellas la monetización de la masculinidad hegemónica por parte de sujetos que se prostituyen. Para ello, el aporte teórico-crítico buscó un diálogo entre la crítica literaria y ejes de discusión a partir de investigaciones y estudios etnográficos (antropología, sociología y psicología social) que cubren aspectos de la prostitución masculina vinculados al ethos de la homosexualidad.

Palabras clave: masculinidades; cuerpo-prostituto; homoerotismo; ficción brasileña.

Introdução

Na extensa tradição dos estudos de gênero que remonta às pesquisas pioneiras da Antropologia europeia e norte-americana, há hoje diferentes correntes teóricas. Esses estudos veem o gênero não apenas como um objeto de investigação, mas sobretudo como uma categoria de análise que ultrapassa mulheres e homens como objetos de análise (GROSSI, 2005).

Em conexão a essa discussão, segundo Dantas (1997), as produções sobre masculinidades podem ser agrupadas em duas grandes vertentes: aliados do feminismo – reconhecem a base dos estudos sobre masculinidade no avanço das teorias feministas (como Michel Scott Kimmel); e estudos autônomos sobre masculinidade, que estariam subdivididos entre: a) aqueles que adotam uma postura analítica, cuja diversidade de matrizes teóricas (neomarxista, psicanalítica, pós-estruturalista) se assemelham ao desenvolvimento dos estudos sobre a mulher (como Raewyn Connell³); e b) os que pertencem ao movimento de crescimento pessoal ou mitopoético – buscam identificar nos espaços míticos dos arquétipos jungianos, explicações para o modo de pensar e agir dos homens contemporâneos (como Robert Bly).

Para a filósofa francesa Elisabeth Badinter (1993, p. 5) é a partir dos anos 70 que os homens começam a se questionar sobre sua identidade

("libertar-se da coação da *illusio viril*"), de modo que emergiram também os primeiros trabalhos científicos sobre masculinidade. Os norte-americanos inauguraram os *men's studies* que floresceram tanto na Inglaterra quanto nos EUA, na Austrália e, em menor grau, nos países nórdicos. Derivados das ciências humanas, tais estudos contestam o papel principal da biologia e dedicam-se a demonstrar a "plasticidade humana". Assim, fortalecidos por trabalhos em Antropologia social e cultural, pesquisas históricas e sociológicas sobre masculinidade (e feminilidade), "concluem que não existe um modelo masculino universal, válido para todos os tempos e lugares" (BADINTER, 1993, p. 27).

Em *Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades no Brasil* (2016), o estudioso Luiz Carlos Simon mirando contribuir para o estímulo de pesquisas que acolham a convergência entre masculinidades e estudos literários afirma que "Pesquisar as manifestações das masculinidades na literatura, no Brasil, pode soar como uma autêntica aventura" (SIMON, 2016, p. 8) sob o argumento de que há motivos variados para o estranhamento e surpresa, cuja principal razão é o fato de ser algo ainda pouco estudado na área de Letras. Além de disponibilizar um conjunto de referências bibliográficas, o estudioso propõe desdobramentos temáticos passíveis de combinações, aproximações e cruzamentos de temas.

Em consonância a isso, se propõe, neste trabalho, discutir acerca das masculinidades no bojo da prostituição masculina por meio de leitura crítica de dezesseis narrativas (contos e romances), no âmbito da ficção brasileira de temática homoerótica. Os pressupostos e critérios de escolha das obras baseiam-se em dois argumentos: a possibilidade de estudo diacrônico-crítico pela perspectiva de análise comparativa do corpo-prostituto a partir do recorte temporal de períodos diferentes de ação narrativa; e o modo de representação e/ou lugar ocupado pelo corpo-prostituto nas narrativas, a saber: a) histórias em que ele apa-

³ Considerando que parte da academia brasileira, assim como outros setores sociais do país rejeitam e/ou enxergam com desconforto a inserção intelectual de pessoas às margens da ordem de gênero em suas hierarquias, é relevante informar que a professora Raewyn Connell (Universidade de Sydney) é transexual feminina, tendo nascido sob a designação cultural Robert William Connell, nome sob o qual assinou vários de seus principais textos.

rece pouco no espaço diegético e/ou pratica o sexo rentável de forma tangencial; b) narrativas nas quais, embora não protagonize o enredo, só são possíveis devido à existência deflagradora e catalisadora do sujeito ficcional que se prostitui; c) histórias que são centralmente fabuladas a partir do corpo-prostituto, nas quais não apenas ele se enuncia como personagem, como também tem seu trabalho sexual plasmado ficcionalmente com mais nuances e profundidade.

Convém enfatizar que a maciça maioria desses textos ficcionais, por razões discriminatórias e preconceituosas, foram negligenciadas por grande parte da crítica especializada no momento de sua publicação. E, mesmo quando há alguma recepção crítica, quase sempre o aspecto da sexualidade é suprimido ou ignorado, bem como as narrativas são classificadas como pornografia ou são taxados de textos que atentam contra a moral e os bons costumes. Apesar dos estudos sobre homoerotismo e literatura, a maioria dessa produção é relegada ao ostracismo, sendo sempre taxada de literatura menor ou com valor estético diminuído. Por isso, enfatizamos a necessidade insistente de que “esses autores e suas obras sejam analisados e revisitados, pois muito têm a oferecer em suas produções sobre o modo de representação e de produção de uma escrita literária e de como a literatura abordou o tema do homoerotismo” (CAMARGO, 2018, p. 39-40).

Consoante a isso, é foco deste trabalho analisar nos objetos de pesquisa os modos de representação literária nos quais personagens masculinos moldados por uma masculinidade hegemônica alugam seus corpos (ou partes dele) adotando, estrategicamente, corporeidades (constituição corpórea jovem, até imberbe, hipermusculosa, racializada e com a genitália avantajada); gestualidades (ações, gestos e posturas rústicos); e discursividades (pela adoção de linguagem com vocabulário e gírias agressivos) representativas desse modelo sociocultural de masculinidade.

1 A centralidade da masculinidade na prostituição masculina

Entre estudiosos da prostituição masculina (PERLONGHER, 1987a, 1987b; KAYE, 2003; PINEL, 2003; SCOTT, 2003; ALCÂNTARA, 2009; SANTOS, 2012; VIANA, 2010; FARIAS, 2013; SANTOS, 2013; ABREU, 2014; SOUZA NETO, 2009; SANTOS, 2016; BARRETO, 2017), oriundos das Ciências Sociais diversas (Antropologia, Sociologia e Psicologia Social), independente da modalidade de prostituição praticada e do recorte temporal, é consensual a centralidade da masculinidade enquanto objeto de prestígio e de capital erótico-sexual a ser vendido pelo corpo-prostituto. Dessa forma, esse corpo-prostituto não vende apenas um corpo másculo (desejável, consumível e mercantilizável), pois essencialmente comercializa, de modo simbólico, uma hipermasculinidade que coaduna com o modelo patriarcal representado pelo macho dominador, dotado de virilidade e de potência sexual, expressão maiúscula da “masculinidade hegemônica”, conforme pensado pela cientista social australiana Raewyn Connell.

É sabido que há várias masculinidades socialmente construídas em cada cultura, em cada tempo, em cada espaço e em campos simultâneos inter-relacionados de relações de poder, como entre homens e mulheres (desigualdade de gênero) e homens e outros homens (desigualdades baseadas em sexualidade, etnicidade, idade etc.). Nesse sentido, Connell em *La organización social de la masculinidad*, tendo em vista a nossa sociedade ocidental, propôs definir “masculinidade hegemônica”, “[...] como a configuração da prática genérica que incorpora a resposta comumente aceita ao problema da legitimidade do patriarcado, que garante (ou assume-se garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres”⁴ (CONNELL, 1997, p. 39, tradução nossa). Esse conceito foi repensado e ampliado em trabalhos posteriores (CONNELL, 2005; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

O corpo-prostituto ultramásculo e hiperviril de

⁴ Do original: [...] como la configuración de práctica genérica que encarna la respuesta corrientemente aceptada al problema de la legitimidad del patriarcado, la que garantiza (o se toma para garantizar) la posición dominante de los hombres y la subordinación de las mujeres.

um suposto "homem de verdade" constitui um "personagem" supervalorizado na prostituição masculina presente na fantasia e nos desejos de sujeitos homossexuais financiadores do sexo pago, os quais sob o peso da heteronormatividade, não conseguem esquivar-se de certa obsessão, fascínio e reverência à masculinidade hegemônica no anseio de pagar para ter relações sexuais com um heterossexual másculo ou a caricatura dele. Esse corpo-prostituto hiperviril entra no jogo de encenação incorporando um padrão rentável para ele, o qual, sem abrir mão dos protótipos corporais, gestuais e discursivos da masculinidade nos moldes hegemônicos, no âmbito relacional, impõe para si diante de outrem (BOURDIEU, 2014) ao passo que expressa a constituição de uma identidade masculina configurada sob o estado de regulação, vigilância e provação (BADINTER, 1993; DAMATTA, 1997; TREVISAN, 1998; NOLASCO, 1993, 1995, 1997; KIMMEL, 1998, 2009; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003; WELZER-LANG, 2001, 2004).

Desse modo, segundo o antropólogo Miguel Vale de Almeida em *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*, como ideal e esforço regulatório, diz:

[...] a masculinidade hegemônica é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino (ALMEIDA, 2000, p. 16).

Para etnógrafos da prostituição masculina, o desejo de clientes homossexuais pelo corpo-prostituto ultramásculo e hiperviril – representativo do estereótipo de "macho ideal" regulado pela masculinidade hegemônica – corrobora a heterossexualidade compulsória demonstrada pelos prostítuos que, muitas vezes, expressam categoricamente a negação e/ou rechaço da homossexualidade, apesar de manterem relações sexuais com outros homens. Logo, "a homossexualidade masculina renegada culmina numa masculinidade acentuada ou consolidada, que mantém o feminino como impensável e inomi-

nável" (BUTLER, 2016, p. 126).

Diante disso, refletindo relações de poder por meio dos papéis sexuais, o ânus como zona erógena (a ser penetrada ou não) assume enorme centralidade para parcela considerável dos prostítuos, que, em nome da preservação do *status* masculino hegemônico, repele o sexo anal passivo. Segundo Barreto (2017, p. 67), "independente da identidade ou desejo que esses jovens [garotos de programa] possam ter, o que se negocia nessa relação [mercantilizada] é o desejo e a virilidade objetificados no corpo do boy ou em determinadas partes dele". Assim, o antropólogo chama a atenção para como o corpo-prostituto em objetificação pelo trabalho sexual é marcado por insígnias de masculinidade, materializadas, por exemplo, no corpo musculoso, (ou em partes dele, como o tamanho do pênis) capazes de despertar desejos erótico-sexuais nos sujeitos pagantes pelo sexo.

2 Corporeidades, discursividades e gestualidades da masculinidade hegemônica na ficção

No conto "Aprendizado" (1968), de Luiz Canabava, publicado no pioneiro e ousado livro *Histórias do amor maldito*, organizado por Gasparino Damata, a contingencialidade que marca o sexo pago envolve o imberbe Túlio: "bonito e forte, sem dúvida. Satisfeito com a própria imagem, tostada de sol e dividida pela marca branca de shorte" (CANABAVA, 1968, p. 112) e um senhor homossexual, nomeado como "doutor". Convém apontar que a presença de corporeidades adolescentes na condição de corpo-prostituto ocorre em outras narrativas brasileiras. No conto "Alguma coisa urgentemente" (2000), de João Gilberto Noll, publicado no livro *O cego e a dançarina* (1980), obra de estreia do escritor, tem-se um adolescente órfão, cuja presença intermitente do pai, em determinado momento, o deixa em um apartamento. Sozinho na cidade grande, o garoto perambula pelas ruas do Rio de Janeiro em contato com parcerias e amizades (garotos de programa, malandros) ligadas a uma vida marginal, o que culmina em um episódio no qual

o garoto, de forma não deliberada, acaba intercambiando seu corpo adolescente ("bom físico") por dinheiro com um desconhecido.

Do mesmo ficcionista, no romance *A céu aberto* (2008), Arthur, um pianista envelhecido, além de afirmar: "[...] eu continuo querendo o *garotão* lá no fim das minhas madrugadas e pago ao *garotão* que de outra maneira não me procuraria nem espetaria sua barba por fazer no meu pescoço como peço [...]" (NOLL, 2008, p. 24, grifo nosso) vivencia uma situação de exposição e de vexame ao ser detido pela polícia após uma batida numa sauna *gay* que mantinha menores de idade como massagistas. No romance *As flores do jardim de nossa casa* (2007), de Marco Lacerda relata-se que Benício iniciou a sua trajetória como corpo-prostituto aos dezessete anos (finais da adolescência). Mesma idade do jovem corpo-prostituto delinquente presente no conto "Reginaldo", do livro *Crescilda e os espartanos* (1977), de Darcy Penteado. Segundo o narrador, o rapaz ainda tem o rosto marcado pelas espinhas da puberdade e o corpo alto, que se insere bem no mercado do sexo enquanto corpo-prostituto pelo poder fálico do pênis agigantado.

Diante dessas corporeidades adolescentes que se monetizam sexualmente, marcados pela situação de minoridade, é preciso fazermos a necessária distinção entre a prostituição exercida por sujeitos adultos, da prática ilegal de exploração sexual envolvendo menores de idade e/ou indivíduos sem plena condição de consentimento e consciência de seus atos. Nesse contexto etário da prática da prostituição, é inescapável indicar o fato de que a juventude masculina é um poderoso capital simbólico. Trata-se de uma moeda de troca, pois, de modo recorrente, há o desejo de homens mais velhos – considerados abjetos no circuito de sociabilidades *gay* –, na direção de uma espécie de vampirização intergeracional, metaforicamente, "sugarem" por meio do sexo pago com sujeitos muito jovens, a juventude desses corpos. Estes, por assumirem a condição de corpo mercadoria, logo, não se esquivam da lógica de consumo, resultando-lhes um inexorável prazo de validade referendado por

uma juventude em estado de frescor, viço, de modo que geralmente ela assume a forma da corporeidade próxima ou imediatamente derivada da adolescência. Trata-se de uma corporeidade adolescente, evidentemente muito jovem, e, sobretudo, "forte" (Túlio, no conto de Canabrava) e/ou com "bom físico" (no conto de Noll) e órgão genital grande (no conto de Penteado).

Essas propriedades corporais masculinas dos personagens, marcadores da masculinidade hegemônica, ligadas à disposição muscular forte ou ao porte físico avolumado encontra ressonância e desdobramentos mais profundos em outros textos literários. No conto "Bofe a prazo fixo", presente no livro *Teoremambo* (1979), Darcy Penteado representa o corpo-prostituto por intermédio de dois personagens primos. Ambos são muito jovens, moram em bairro operário e têm constituição física máscula. Ângelo, "corpo bem modelado com ombros fortes e pernas alongadas" (PENTEADO, 1979, p. 94), o primo, "corpo atlético, elaborado pelo futebol dos domingos e pela bigorna da oficina" (PENTEADO, 1979, p. 93).

No romance *As flores do jardim da nossa casa* (2007), por meio da corporeidade musculosa de Benício, o corpo é um princípio fundante para o personagem. Ao destacar as regiões anatômicas dele descritas por meio: das "profundidades do tórax"; dos "músculos inquietos dos biceps"; "do corpo branco teso"; dos "músculos da bunda"; do "tórax torneado"; e dos "sólidos mamilos" (LACERDA, 2007, p. 20), o *voyeurismo* do olhar do narrador, ao reiterar os músculos, representa bem a constituição anatômica do corpo-sexual de Benício. De tão inflados e vívidos, esses músculos também expressam propriedades como profundidade e solidez, a ponto de saltarem ou quase romperem a roupa para serem exibidos. E dessa forma personificam a identidade narcísica masculina de Benício pela hipérbole muscular.

Devido a essa constituição corpórea, pode-se afirmar que o corpo do personagem se inscreve na "cultura do músculo" (COURTINE, 2013), já que ele é adepto das formas de cuidados e técnicas de gestão do corpo de acordo com o mercado do desenvolvimento muscular masculino. Nesse

sentido, o corpo musculoso de Benício é resultado de formas de regulação dos corpos, bem como representa o simbólico corpo disciplinado, o "corpo-máquina", segundo Michael Foucault (1999, p. 179), produzido em academias de ginástica como "uma máquina de alta performance" (KUNZRU, 2009, p. 23).

Benício, ao fabricar, (re)modelar, (re)construir seu corpo, produzido conforme explicitam os teóricos, na condição de corpo-prostituto, portanto, de objeto rentável no mercado da prostituição, não escapa de ser lido como um produto mercadológico, objetificado e fonte de prazer para os financiadores do sexo pela via da modelagem palpável em músculos. Por isso, os "melhores clientes faziam questão de serem vistos ao lado do bonito com um par de bíceps que intumesciam ao mero erguer de uma latinha de cerveja" (LACERDA, 2007, p. 25).

No romance *Nossos ossos* (2013), de Marcelino Freire o corpo-prostituto de Cícero, antes de ser aviltado e descartado, é um corpo sexual produzido pelo mercado do desenvolvimento muscular masculino similar ao garoto de programa Benício. A distinção acontece no fato de que o corpo-prostituto de Freire constitui-se em fragmentos por meio de referências, como: "o garoto diferente, *musculoso*" (FREIRE, 2013, p. 92, grifo nosso); o "peito *malhado*" (FREIRE, 45-46, grifo nosso), ou por vias indiretas: "quando ele ficava nu e seu corpo, ereto, ao meu lado, *talhado* para as conquistas deste mundo, vasto, me abraçava e gritava, feito um *atleta*, feliz" (FREIRE, 2013, p. 101, grifo nosso). Dessa forma, do mesmo modo que Benício é um corpo-prostituto que se mercantiliza sob a ideia de uma masculinidade hegemônica representada por um corpo musculoso.

Há outros aspetos da corporeidade do corpo-prostituto na literatura brasileira de temática homoerótica. No conto "Paraíba", do livro *Os solteirões* (1975), de Gasparino Damata, o narrador-personagem, um garoto de programa que se prostitui em um cinema de pegação, "se vende"

como metonímia do seu órgão genital, tendo em vista que a sua constituição física não consta na narrativa. O conto não faz referência a sua descrição física, a única parte do seu corpo relatada na história é o pênis dele. O personagem revela ter um "bom pau", o que, segundo ele, atrairia os clientes e os manteria fiéis junto a um suposto bom código de conduta. Esse dado do personagem endossa a concepção de masculinidade viril vendida por ele, pois um sujeito com identidade sexual de ativo/dominador se bastaria metonimicamente com seu potente órgão genital para dominar os submissos clientes homossexuais que pagam para relacionar-se sexualmente com um "hétero másculo".

No mesmo livro de Damata, no conto "Módulo lunar pouco feliz", a masculinidade rentável de Pernambuco, profissional do sexo que vive exclusivamente da prostituição, fixado na capital paulistana, é expressa, sobretudo, na corporeidade hiperviril possibilitada pelo avantajado e potente órgão genital aliado ao cheiro de macho e pelos braços fortes, pernas musculosas e largura torácica peluda.⁵ Pernambuco é descrito como sujeito masculino vocacionado "naturalmente" a exalar sua substância androgênica de virilidade (suor, cheiro de macho) para atrair e dominar as fêmeas, ou melhor, os afeminados, as bichas ávidas para serem subjugadas pela potência do seu órgão genital avantajado.

A partir da linhagem da "maquinaria viril" (BANDINTER, 1993) do corpo-prostituto Pernambuco, representado como "cabra macho", homem rude e másculo produzido socialmente no bojo da masculinidade nordestina e fabricado na ideia de macho exacerbado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003), há uma convergência com o corpo-prostituto do norte brasileiro presente no conto "A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social", do livro *A meta* (1976). Na história, um rico engenheiro, no espaço noturno da rua, interessa-se pelo corpo-prostituto másculo

⁵ Diante dos "braços fortes, pernas musculosas e largura torácica" do personagem, é necessário sublinhar que, embora no momento de produção da narrativa já houvesse a presença do mercado do desenvolvimento muscular masculino, não há no encaminhamento narrativo de Damata indicações nem sugestões de que a constituição corpórea mais volumosa de Pernambuco esteja configurada nos moldes desse mercado.

e robusto de um jovem empobrecido, descrito fisicamente como: "entroncado, forte, gênero nortista" (PENTEADO, 1976, p. 78). O personagem é caracterizado pela estereotipia toponímica vinculada ao norte do país, cujo imaginário associa-o ao sujeito rústico, viril e potente sexualmente. Esse pensamento estende-se também aos homens nordestinos.

O pênis maiúsculo de Pernambuco, denominado no conto como "material soberbo" e "mala" para codificar a importância, imponência do pênis grande, objeto de desejo valorizado e cobiçado também em relações homoeróticas na literatura⁶ sem ligação com o contexto do sexo pago, marca de modo preciso a "materialização na genitalidade", segundo Rafael Ramirez (1995) como um dos elementos constituintes do falocentrismo. O pênis, junto com os testículos e o sêmen "ocupam posição de realce nos discursos da sexualidade e se constituem no centro do qual emana o poder" (RAMIREZ, 1995, p. 78).

De modo similar aos corpos-prostitutos com órgãos genitais grandes, no conto "Reginaldo", de Penteado os homossexuais pagantes pelo sexo, atraídos pela figura marginal do personagem Reginaldo, supervalorizam a "arma secreta" dele: seu objeto fálico por excelência, o pênis. É evidenciado que o tamanho avantajado do pênis do personagem é um grande capital erótico-sexual responsável pelo sucesso dele ao se prostituir com homens que supervalorizam, pela via do fetiche e da objetificação, a dimensão maiúscula do órgão genital masculino. Assim diz o narrador: "[...] por um capricho da natureza, ou porque foi muito manuseado, o seu pênis é enorme! É um órgão de uma decisão, um tamanho e uma carnadura [...]". Dentro dessa linhagem de personagens prostitutos, o personagem Beto, que se prostitui no romance *Vitrine humana* (2004), intercambia seu corpo jovem torneado e com

"membro descomum", designação superlativa para a sua genitália.

Ainda nesse âmbito da corporeidade com ênfase na genitalidade masculina, em uma de suas abordagens a um cliente na sauna no sentido do agenciamento erótico-sexual, o garoto de programa Benício, citado anteriormente, disposto a provocar excitação com seu corpo-sexual, sem toalha, exhibe seus "dotes físicos". Essa expressão possui uma ambivalência carregada de eufemismo e sarcasmo, pois, no plural pode ser uma referência ao conjunto anatômico musculoso dele, bem como também se relaciona ao pênis do personagem, de acordo com o vocabulário corrente na prostituição. Desse modo, seu dote, dentro do mercado do sexo, que não escapa ao falocentrismo, é ressignificado por meio do órgão genital masculino, o qual é elevado à condição de um bem, um patrimônio e um capital de quem o possui, caso seja grande – torna-se ainda mais valioso.

Junto às questões ligadas à acentuada genitalização dos corpos-prostitutos, também há o processo de "racialização do desejo" (SANTOS; PEREIRA, 2016, p. 133) presente na nossa ficção. Desse modo, o corpo-prostituto negro ao ser representado, via de regra, assume duplo simbolismo: como jovem empobrecido, mas também viril, lúbrico, potente, enquanto objeto de desejo e fetiche, o que endossa "a imagem do preto-biológico-sexual-sensual-e-genital" (FANON, 2008, p. 164), construída no plano do imaginário, ou, em última instância hipotética, paralogicamente. Desse modo, o corpo negro não ultrapassa o biológico, o animalesco ao ser representado pelo instituto sexual (não educado). Decorrente disso, "diante do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital" (FANON, 2008, p. 138).

Assim, por meio da hipersexualização de seu corpo e de uma erotização exacerbada é que se

⁶ Em dois momentos históricos diferentes é saliente nas relações homoeróticas representadas na literatura o valor do pênis grande. No conto "A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social", em dado momento da narrativa, o protagonista assinala a questão do tamanho do pênis, acreditando que possui um bom volume entre as pernas e que é "deprimente ser homossexual de pau pequeno" (PENTEADO, 1977, p. 137). Há ainda uma autorreflexão do narrador do livro *Cinema Orly*: "Tenho uma improvável teoria: muitos caras tornam-se homossexuais por adorarem o próprio pau que é grande [...] Não deve ser por acaso que o adjetivo grande se tornou sinônimo de melhor [...] A palavra grande não se refere apenas ao tamanho. Além do tamanho, a palavra significa o valor [...] Um pau grande, sugerindo maior quantidade de força, parece ser mais viril e mais masculino que um pau pequeno" (CAPUCHO, 1999, p. 48).

constrói um "referencial fetichizado" hipermasculino, cuja agência "implica assumir a atribuição de manter-se em cena como uma máquina de sexo: além de 'ter a pegada', deve ser (super) dotado de um pênis enorme, ser um animal na cama [...]" (FAUSTINO, 2014, p. 91). Dentro dessa lógica, socioculturalmente, ocorre um processo de naturalização da virilidade e da masculinidade impostas aos homens negros desde o seu nascimento, cuja "missão" é ser o objeto sexual sempre pronto e disposto a ser objetificado (RODRIGUES, 2020).

Isso é representado no conto "Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror", publicado no livro *Que os mortos enterrem seus mortos* (1981) de Samuel Rawet. Por meio de um narrador em terceira pessoa, há duas curtas imagens vinculadas ao universo do sexo pago. Na primeira, há uma típica cena de abordagem/transação, marcada por gestos e interesses, entre um cliente que se aproxima num carro e um corpo-prostituto ("negro magro e alheado") que negocia o programa.

Essa cena coaduna-se com outra rápida imagem em que aparece a figura do garoto de programa designado como "mulatinho", mais um personagem marcado pela racialização: "Um rapazote vinha da rua do Passeio [...] O rapazote meio que para não para, olha de viés [...] A lâmpada acentua o volume nas virilhas" (RAWET, 2007, p. 149, grifo nosso). O volume nas virilhas remete à dimensão acentuada do órgão genital do personagem "mulatinho" disponível no mercado do sexo. Depreendemos, enfim, que os dois personagens prostitutos, de matriz étnica negra, simbolizam, pela fetichização erótica, a ideia de uma hipersexualidade e objetificação em sua sexualidade, ficando, de modo negativo, reduzidos e encerrados nessa objetificação muito frequente na prostituição.

No romance *Nossos ossos*, de Freire, o personagem "menino moreno", expressão para referir-se a um rapaz que monetiza seu corpo sexualmente ao mesmo tempo que é objeto de desejo do protagonista Heleno (homem de meia idade), aponta para o contraste de idade entre eles ("menino"/ "senhor") e revela a atração do dramaturgo

pelos sujeitos fenotipicamente definidos como "moreno", considerando que Carlos (namorado de juventude) e Cicero (outro garoto de programa) também são descritos como morenos. O caráter de morenidade do corpo-prostituto, assim como de Cicero/Carlos, remete à ideia de valorização da categoria "moreno", vista como sinônimo de lubricidade e virilidade em uma perspectiva que não se esquivava do preconceito racial estrutural por ser colocada no lugar negativo da objetificação e animalização. O moreno e, sobretudo, o negro figuram no contexto geral do Brasil como hipersexualizados, às vezes, reduzidos a essa fetichização, por serem encaixados no estereótipo do sujeito viril, potente e com pênis agigantado.

Junto ao campo das corporeidades que expressam signos da masculinidade hegemônica, também há a dimensão das gestualidades (posturas, atitudes, ações) manifesta pelos personagens que se prostituem. Nesse sentido, tem-se no elíptico conto "O encontro" de Samuel Rawet, presente no livro *Os sete sonhos* (1967), a ocorrência de um crime (homo)erotizado – o ato de matar outro homem por quem o desejo é interdito.

As motivações do assassinato podem estar relacionadas diretamente com a função de um masculino nos moldes hegemônicos numa lógica heteronormativa. Dessa forma, ao se prostituir com outros homens, o anônimo personagem prostituto da narrativa sente um peso ambivalente: do ódio à excitação e do tesão à repulsa, "Ao receber a metade [dinheiro] já o odiava suficientemente. Enrolando as notas no bolso da calça, seus dedos miúdos e endurecidos alisavam a própria coxa e afagavam seu membro entumecido" (RAWET, 1967, p. 23), diz o narrador. É possível depreendermos dessa trama que as gestualidades do corpo-prostituto em conflito, moldado pela masculinidade hegemônica, culminam em ações radicais pelo cometimento de um assassinato. Isso nos leva, enfim, a pensarmos acerca dos deletérios efeitos da masculinidade exacerbada e altamente tóxica.

No conto "Aprendizado" (1968), de Canabrova a compensação monetária pelo sexo parece assumir uma conotação ambivalente para o

adolescente Túlio. Seus desejos possivelmente são interditados por valores heteronormativos, os quais forçam o garoto, na posição de corpo-prostituto, a buscar justificativa pelo ato sexual homoerótico, ou seja, para ele, a vivência homoerótica seria legitimada porque é somente uma forma de ganhar dinheiro. Assim, Túlio constitui sua identidade masculina nos moldes hegemônicos, por isso, gestualmente, aparece disposto a demonstrar sua virilidade pela via da força física, assim como pela relação de poder ao atuar na posição sexual de ativo: "Pensou: se ele se aventurar no que eu não quiser, dou-lhe uma porrada" (CANABRAVA, 1968, p. 118).

No conto "Paraíba", de Damata, tendo em vista o "roteiro" de saberes e as estratégias do sexo pago com sua "pedagogia do trabalho sexual" (SANTOS, 2016), embora o narrador-personagem afirme fazer "sempre a vontade do cidadão", essa afirmação dele é contrariada fortemente logo em seguida, quando diz:

Já fiz programa com vários, tanto aqui como lá fora, e até a presente data só tive problema com um cara. Fomos na hospedaria, lá ele me chupou, depois eu meti. E aí ele queria que eu fizesse o mesmo. Quase dou um soco no filho da puta. Pensava que eu era o quê? Era até um cara legal, mas nessas horas o cabra perde a cabeça, e pode acontecer uma desgraça (DAMATA, 1975, p. 11-12).

O protagonista vivencia, na condição de corpo-prostituto, no âmbito das gestualidades, uma emblemática manifestação da masculinidade hegemônica relacionada à questão da centralidade do ânus: foco de tensões e de conflitos, presente no negócio da prostituição masculina, expressa como uma espécie de "histeria em torno das comportas do ânus" (PERLONGHER, 1987a) ou traduzida enquanto "escudo traseiro da masculinidade" (POCAHY, 2011). Em outro conto do mesmo livro de Damata, *Módulo lunar pouco feliz*, endossando a expressão das gestualidades, a masculinidade do garoto de programa Pernambuco é transmitida pelo olhar intimidador de macho dominante, à disposição para manifestação de força física violenta (inclusive ele é comparado a um ator de filmes que ostenta

virilidade, o *westerner* norte-americano).

No livro *Crescilda e os espartanos* (1977), o conto, "Jarbas, o imaginoso", apresenta um jovem garoto de programa, Jarbas, que exercita a "teatralidade" do sexo pago tendo relações sexuais com um senhor e fazendo com este um jogo de sedução com fantasias. Em todas as performances dos dois personagens, que remetem à heteronormatividade compulsória por meio da encenação patriarcal e misógina, há a reverência à masculinidade hegemônica que ocorre pela reincidência em todas as cenas da figura do prototípico macho viril, que assume uma variação mais sedutora ou uma posição mais ostensiva e agressiva, de potência, como na cena da "velha solteirona prostituída". Em todas as cenas, o masculino reina no lugar de superioridade, exercendo sob o feminino seu poder fálico.

No romance *Nossos ossos* (2013), na cena do assassinato do garoto de programa Cícero, os importunadores assassinos abusam da provocadora reiteração de insultos codificados pelo narrador como "palavrão" – pela presença ofensiva de xingamento relacionado à palavra "viado". O palavrão exclamativo e vociferante que atinge frontalmente o objeto de desejo, de intercâmbio, de negociação e de capital erótico-sexual de Cícero é a sua masculinidade. Essa ideia é cara, geralmente, aos sujeitos montados e mercantilizados que se prostituem sob o personagem do "homem de verdade". Nesse contexto, o termo "viado" ecoa nos ouvidos de Cícero pela via da agressão verbal e do insulto à sua masculinidade hegemônica sob o fantasma heteronormativo da homossexualidade.

Por isso, Cícero parte para o enfrentamento contra os arruaceiros no propósito de afirmar uma postura prototípica de homem viril, sobretudo, por estar em público: "o que não posso é dar uma de *mariquinha*, vem e desce daí, otário" (FREIRE, 2013, p. 56, grifo nosso). O garoto de programa, em defesa de sua masculinidade hegemônica posta à prova, recusa-se a ser "mariquinha", contudo, o confronto com os arruaceiros custa-lhe a vida, apesar de haver a montagem de um cenário com personagens dispostos ao confronto ("batalha",

na "trincheira") representados pelos vacilantes parceiros de prostituição do garoto de programa que poderiam ter colaborado para resguardar a vida dele.

No romance *A última noite de caça* (2015), chama-nos a atenção o modo como o corpo-prostituto de militares,⁷ os quais assumem uma postura zombeteira e homofóbica com os personagens que buscam sexo com eles, considerando-os fonte monetária e/ou de ganhos materiais/simbólicos, não apenas pelo ato sexual, mas também pela adoção de atitudes escusas, conforme sugere a expressão "dar uma prensa". Há outras gestualidades importantes, tendo em vista que eles capitalizam para si a fetichização da farda de soldado e as insígnias evocadas pelo universo militar ancoradas no esteio da masculinidade hegemônica, de modo que o fato de ser do exército mexe com a fantasia dos clientes em relação ao sujeito fardado e as suas representações. Estas materializam-se no espaço das gestualidades ao serem objeto de desejo de personagens homossexuais pagantes pelo sexo, os quais buscam realizar a fantasia sexual com homens ultramásculos, viris e "héteros", expressos na ideia de força, agressividade e potência da corporeidade militar.

Além das corporeidades e gestualidades, a masculinidade hegemônica dos corpos-prostitutos representados na ficção brasileira de temática homoerótica é materializada nas narrativas por meio do discurso dos personagens (a dimensão da discursividade). Desse modo, é evidenciado, no conto "Paraíba", do livro *Os solteirões* (1975) que a identidade ultramáscula encenada pelo corpo-prostituto protagonista ganha corpo por meio da linguagem do personagem, seja por intermédio da voz em primeira pessoa, seja pelo discurso direto. Isso é ilustrado no modo de falar do "paraíba" ao adotar um discurso que mimetiza uma oralidade agressiva conforme falariam os "machos autênticos". Esse discurso ganha expressão por meio de vocabulário e de gírias vulgares,

rústicas ("trepada", "dar o cu", "pau", "filho da puta", "punheta" etc.), que, no conto, possivelmente justifica-se à posição do garoto de programa "paraíba" para enfrentar e dispor-se para atacar/defender-se de outro "macho autêntico", o personagem Zé Orlando, outro garoto de programa.

A escolha do autor pelo "modo dramático" (REUTER, 2002), recurso narrativo quase dominante no conto, associado à ausência responsiva de Zé Orlando, que não fala, porém, está presente e sua presença é indispensável para a constituição identitária masculina do protagonista, tornam-se imprescindíveis para o garoto de programa. Sendo assim, ele – na condição de sujeito da masculinidade hegemônica, por meio do discurso direto, senhor da enunciação (já que seu interlocutor é "fantasmático"), defensor de uma masculinidade viril, cujas falas refletem o estado de vigilância, de regulação e de provação impostas para si diante de outrem (BADINTER, 1993; TREVISAN, 1998; KIMMEL, 1998, 2009; WELZER-LANG, 2001, 2004) – adquire espaço privilegiado na narrativa para evidenciar como vivencia sua identidade ultramáscula de corpo-prostituto ("sou de mulher"), objeto de desejo rentável na prostituição, já que os clientes homossexuais procuram-no e valorizam-no em função dessa masculinidade exacerbada ostentada, vocalizada e encenada por ele.

Cabe enfatizar que há uma convergência entre o "paraíba" e o anônimo garoto de programa do conto "Módulo lunar pouco feliz", uma vez que eles se encaixam na representação mimetizante de sujeitos incultos e rudes, cuja linguagem é carregada por uma subjetividade regulada pela masculinidade hegemônica de homens másculos que se expressam por meio de gírias e vocabulário chulo aprendidos em "instâncias de socialização que participam da formação da identidade masculina configurando os mecanismos de produção e de transmissão do hábito viril" (BAUBÉROT, 2013, p. 190). Desse modo, a enunciação do corpo-prostituto de "Módulo lunar

⁷ "A prostituição militar, ainda que vigorosamente condenada pelas autoridades militares, é por outro lado, concomitante ao estabelecimento, desde o final do século XIX, de uma subcultura homossexual nos portos e nas grandes metrópoles europeias e americanas, como Londres, Paris, Toulon, Berlim, Hamburgo ou Nova York" (TAMAGNE, 2013, p. 443).

pouco feliz" é inclusive mais ostensiva comparando-a com a do "paraíba", pois é um linguajar que mimetiza o falar do marginal, do sujeito que perambula na rua próximo de outros marginais ("tomar no cu", "se fodendo", "porra nenhuma", "casa do caralho", "o pinta", "dá galho").

Por fim, nesse horizonte de discussão, no conto "Bofe a prazo fixo" os personagens Ângelo e o seu primo, os "bofes" representados por Penteado, figuram como sujeitos de baixa escolaridade, moradores de um empobrecido bairro operário e, sobretudo, possuem uma linguagem que mimetiza pela ficção o falar de homens constituídos pela régua da masculinidade hegemônica ("Sô macho, pô"; "Coisa de home"). Essa linguagem e seus significados, construídos socioculturalmente alinham-se à constituição identitária de Ângelo e seu primo, uma vez que eles se reconhecem e são identificados socialmente como heterossexuais, embora se prostituam com clientes homossexuais geralmente de forma clandestina.

Considerações finais

É inequívoco que os personagens prostitutas, estrategicamente, seguindo a cartilha heteronormativa, alugam seus corpos (ou partes dele) adotando discursividades, gestualidades e corporeidades representativas da masculinidade hegemônica. No campo das corporeidades, essa masculinidade se manifesta pela valorização dos corpos jovens (até mesmo de corpos imberbes, adolescentes); numa robustez muscular que os configura em um corpo-prostituto que se vende sob a ideia de uma masculinidade hegemônica enquanto propriedade de um corpo viril musculoso; na extrema valorização do tamanho do órgão genital masculino, na qual o pênis maior torna-se objeto de valor e forte capital erótico; assim como a "racialização do desejo", cujos prostitutas negros, morenos e/ ou mulatos são hipersexualizados, objetificados, fetichizados e reduzidos a um ideário de potência e de lubricidade.

No vetor das gestualidades, os garotos de programas ultramúsculos, buscando preservar as insígnias viris típicas, proscvem a região

anal como zona erógena, assim como adotam posturas, ações e gestos de agressividade e de potência, os quais assumem valor emblemático no corpo-prostituto de militares, por exemplo. No eixo das discursividades, os personagens adotam uma linguagem, por meio de vocabulário vulgar e rústico até mesmo chulo, que buscam mimetizar um *éthos* simbólico de como os "machos autênticos" se expressariam – modo de expressar-se construído, sem dúvida, a partir das instâncias de socialização formadoras da identidade masculina regulada pelos mecanismos de produção e de transmissão do hábito viril.

O corpo-prostituto representado no conjunto de narrativas analisadas, pela condição de pobreza e de marginalização socioeconômica, ao buscar ganhar dinheiro, bens materiais e simbólicos de várias ordens e/ou o prazer do sexo com outros homens (de forma escamoteada ou não), para entrar nos jogos de poder e das trocas que presidem o exercício do sexo rentável constituem-se nos domínios da masculinidade nos moldes hegemônicos. Esse é o denominador comum que abraça todos os prostitutas analisados. Além disso, no contexto da heteronormatividade, os personagens homossexuais pagantes pelo sexo, numa demonstração de fascínio e de reverência (culto da masculinidade hegemônica), têm interesse e buscam como fantasia sexual um corpo-prostituto jovem e modulado por uma masculinidade rude, "suja" e rústica indicativa de certa hipervirilidade característica de um presumível "homem de verdade" – uma espécie de macheza das classes baixas, dos extratos mais populares, oferecida, negociada e vendida no mercado do sexo.

Referências

ABREU, Vinício Brígido Santiago. *Entre o marginal e o laboral: o trabalho de garotos de programa na cidade de Fortaleza*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2014.

ALCÂNTARA, Jean Moreira. *Territórios invisíveis: territorialidade dos garotos de programa na área central de Manaus*. 2009. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciência Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Manaus, AM, 2009.

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino* – uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste 1920-1940). Maceió: Catavento, 2003.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. 2. ed. Lisboa: Fim de Século Edições, 2000.
- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. “*Vamos fazer uma sacanagem gostosa*”: Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói-RJ: EDUFF, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria H. Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Best bolso, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CAMARGO, Fábio Figueiredo. *O sexo da palavra nos anos 1950/1070* – Cenas sexuais homoeróticas na prosa brasileira. 96f. Relatório final de projeto de pesquisa apresentado ao CNPQ, Núcleo de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2018.
- CANABRAVA, Luiz. *Aprendizado*. In: DAMATA, Gasparino (org.). *Histórias do amor maldito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968. p. 111-119.
- CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.
- CERCEAU, Silvio. *Vitrine humana*. Belo Horizonte, MG: CIP, 2004.
- CONNELL, Robert William. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, RS, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- CONNELL, Robert William. La organización social de la masculinidade. *Isis Internacional* – Ediciones de las mujeres, Santiago, Chile, n. 24, p. 31-48, jun. 1997.
- CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*, Florianópolis, SC, vol. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: COURTINE, Jean-Jacques. (org.). *História da virilidade: a virilidade em crise?* Tradução de Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 554-578. v. 3.
- DAMATA, Gasparino. *Paraíba*. In: DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 7-12.
- DAMATA, Gasparino. Módulo lunar pouco feliz. In: DAMATA, Gasparino. *Os solteirões*. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 15-27.
- DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997. p. 31-50.
- DANTAS, Benedito Medrado. *O masculino na mídia* – repertórios sobre masculinidades na mídia brasileira. 127f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1997.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. 1. Ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FARIAS, Francisco Ramos. Atividades secretas em noites sombrias: memórias do universo dos garotos de programa. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, SC, v. 10, n. 1, p. 344-368, jan./jul. 2013.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, Masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman. (org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. v. 1, p. 75-104.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. 20. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- FREIRE, Marcelino. *Nossos ossos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- GOULART, Luiz. *A última noite de caça*. [S. l.: s. n.], 2015. *E-book*.
- GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, v. 1, p. 4-37, 2005.
- KAYE, Kerwin. Male Prostitution in the Twentieth Century: Pseudohomosexuals, Hoodlum Homosexuals, and Exploited Teens. *Journal of Homosexuality*, New York, NY, USA, v. 46, n. 1/2, p. 1-77, 2003.
- KIMMEL, Michael Scott. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, RS, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
- KIMMEL, Michael Scott. Masculinity as homophobia: Fear, Shame, and Silence in the Construction of Gender Identity. In: FERBER, Abby; HOLCOMB, Kimberly; Wentling, Tre. (org.). *Sex, gender, and sexuality: the new basics: an anthology*. New York: Oxford University Press, 2009. p. 58-70. Disponível em: <http://sites.middlebury.edu/soan191/files/2013/08/KimmelMasculinityasHomophobia.pdf>. Acesso em: 12 mar. de 2018.
- KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue”: um encontro com Donna Haraway. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue*. As vertigens do pós-humano. Tradução de Tomáz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 17-32.
- LACERDA, Marco. *As flores do jardim da nossa casa*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos. *Fazendo programa: configurações do corpo-prostituto em Gasparino Damata, Marco Lacerda e Marcelino Freire*. Uberlândia: O sexo da palavra, 2021.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, Sócrates. (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 15-29.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, Sócrates. Um "homem de verdade". In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997. p. 13-30.

NOLASCO, Sócrates. *A céu aberto*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record: 2008.

NOLL, João Gilberto. Alguma coisa urgentemente. In: MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 416-422.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PENTEADO, Darcy. A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social. In: PENTEADO, Darcy. *A meta*. São Paulo: Símbolo, 1976. p. 65-88.

PENTEADO, Darcy. Reginaldo. In: PENTEADO, Darcy. *Crescilda e os espartanos*. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977. p. 63-76.

PENTEADO, Darcy. Jarbas, o imaginoso. In: PENTEADO, Darcy. *Crescilda e os espartanos*. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977. p. 77-84.

PENTEADO, Darcy. Bofe a prazo fixo. In: PENTEADO, Darcy. *Teoremambo*. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1979. p. 91-96.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. Vicissitudes do michê. *Temas IMESC, Soc. Dir. Saúde*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 57-71, 1987b.

PINEL, Hiran. *Educadores da noite: educação especial de rua, prostituição masculina e a prevenção às DST/AIDS*. 2. ed. Belo Horizonte: NUEx-PSI Editorial, 2003.

POCAHY, Fernando Altair. *Entre Vapores e Dublagens: Dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

RAMIREZ, Rafael. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. In: NOLASCO, Sócrates (org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 75-82.

RAWET, Samuel. O encontro. In: RAWET, Samuel. *Os sete sonhos*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967. p. 22-26.

RAWET, Samuel. Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror. In: RUFFATO, Luiz. (org.). *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. p. 147-150.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: Um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267-284, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

SANTOS, Elcio Nogueira dos. *Amores, vapores e dinheiro: masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo*. 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SANTOS, Elcio; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, v. 24, n. 1, p. 133-154, jan./abr. 2016.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. *Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre a prostituição masculina no centro de Fortaleza*. 2013. 192 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFC, 2013.

SANTOS, Daniel Kerry dos. *Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações*. 2016. 372 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis, 2016.

SCOTT, John. A prostitute's progress: male prostitution in scientific discourse. *Social Semiotics*, Brisbane, Queensland, AU, v. 13, n. 2, p. 179-199, ago. 2003.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. *Revista Estação Literária*, Londrina, PR, v. 16, p. 8-28, jun. 2016.

SOUZA NETO, Eptacio Nunes. *Entre boys e frangos: análise das performances de gênero de homens que se prostituem em Recife*. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, PE, UFPE, 2009.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: COURTINE, Jean-Jacques (org.). *História da virilidade: a virilidade em crise?* Tradução de Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. v. 3, p. 424-453.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VIANA, Nornando José Queiroz. *“É tudo psicológico! Dinheiro... pruuu! Fica logo duro!”: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife*. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2010.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 107-128.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, v. 9, n. 2, p. 460-482, fev. 2001.

Dorinaldo dos Santos Nascimento

Doutor em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Uberlândia, MG, Brasil; mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão, SE, Brasil. Professor do Centro Educacional Edval Calasans (CEEC), em Banzaê, BA, Brasil.

Endereço para correspondência

Dorinaldo dos Santos Nascimento
Centro Educacional Edval Calasans (CEEC)
Rua Vicente Gouveia, 246
Centro, 48.405-000
Banzaê, BA, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.